

JOSÉ LUÍS
NUNES MARTINS

Prefácio
Padre Paulo
Malícia



AS
OBRAS
DO AMOR

101 REFLEXÕES
CRÔNICAS DE AMOR E VIDA

*À Pilar,
à Ana Maria e à Vitória,
ao Zé e à Palai,*

a si,

muito Obrigado!

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	13
Não és o centro do mundo!	15
Muita comunicação, pouca verdade	17
O amor faz ver o que a paixão cegou	19
Nas vitórias, lembrar as derrotas	21
O que cabe numa lágrima?	23
Não se deve ceder a uma chantagem. Nunca	25
O bem e o mal não dependem das leis	27
Políticos de curto prazo	29
Julgam-se deuses	31
As urgências não são o mais importante	33
Ninguém se salva sozinho	35
Somos quem somos, não importa onde estamos	37
Um crucifixo não é decoração	39
Com os olhos no inferno	41
O pecado é uma corrupção	43
Santa Camila da Sé	45
Os médicos matam?	47
As leis estão longe da perfeição	49
São as obras que falam, não as palavras	51
Nem todo o movimento é um passo em frente	53
Quando há pouco amor	55
O coração voa fora de nós	57
Decide-te e liberta-te!	59
Não podes obrigar-me a amar-te!	61
Hoje não é apenas mais um dia	63
As grandes alegrias escondem muitas tristezas	65
Os nossos inimigos ajudam-nos	67
Felizes os que vivem o dia de hoje	69

O valor da boa educação	71
Não dependo apenas de mim	73
O mal espreita a cada minuto	75
Os imprudentes nunca têm paz	77
A virtude que não se ganha, apenas se perde	79
Será que o fim está próximo?	81
Por que razão passamos a vida a pedir?	83
A família ou uma carreira? A família	85
Qual é o mal?	87
Não te esqueças do que te vai salvar	89
O herói não costuma ser o general	91
Quando prefiro não ver	93
A verdade não se diz	95
A inovação e a tradição anulam-se?	97
O bem une, o mal separa	99
Qual é a maior aventura da tua vida?	101
Para que servem as tuas forças?	103
O mundo não sou eu	105
Os hipócritas são crianças que escolheram não crescer	107
Em busca de uma fé sincera	109
A vida é feita de todas as cores. Até das mais escuras	111
Demasiado atarefado para te ocupares da tua vida?	113
O que pode a nossa oração?	115
O amor é uma brisa	119
A fé é mais forte do que a força	121
O silêncio nosso de cada dia	123
A quem ama, nada lhe falta	125
O que é melhor para mim?	127
Quem pode dar-te a paz que julgas merecer?	129
O desejo de poder é uma fraqueza	131
O que sabes do teu fim?	133
O que procuras?	135
O arrependimento demora um instante ou uma vida inteira?	137
O Natal segundo José	141
O amor ou o consumismo?	143
Querem mudança, mas não querem mudar-se	145
Aquilo que não contamos a ninguém	147

Como chegamos a uma decisão?	149
Porquê ser normal?	151
Quem ama não trai	153
Sabes quantos anos tens?	155
Somos uma obra-prima em construção	157
O que quero é o que preciso?	159
Por quem choram os sinos?	161
Porque não amamos até ao fim?	163
Os espinhos à volta do bem	165
O método simples para poupar (muito) tempo a decidir	167
O amor liga mundos diferentes	169
Quem são os pobres?	171
As dores que despertam	173
Odiar o erro, amar a pessoa que erra	175
Explorados, cansados, sem pausas nem paz	177
A importância de aprender a perder	179
Amar é destruir a solidão do outro	181
Felizes os que se entregam ao amor	183
Que histórias contamos a nós mesmos?	185
Quem são os meus amigos?	187
Entre o portão e a porta	189
Sem coragem nunca serás feliz	191
Não somos iguais... e isso é bom!	193
O silêncio puro da oração	195
A vida é sempre a subir	197
Temos medo de ser santos!	199
Nem partir nem chegar. Viver é mudar	203
O que quer Deus de mim?	205
Tem paciência contigo!	209
Amar só tem um porquê	211
Nem eu sei quem sou!	213
À espera da morte ou a lutar pela vida eterna?	215
Resistir ao que os outros querem	217
Quem manda no teu coração?	219
As obras do amor	221
 AGRADECIMENTOS	 223

PREFÁCIO

Pode o amor ser uma obra, uma tarefa? É a pergunta que de imediato o título nos suscita. José Luís Nunes Martins responde afirmativamente neste livro, onde reúne um conjunto de crônicas publicadas semanalmente na Rádio Renascença e na Agência Ecclesia: «O amor constrói. Amar é agir e sair da morte dos dias sem sentido, arriscar-se nas terras dos temores, tremendo, mas não deixando de avançar, passo a passo, para longe do mundo onde tudo é passageiro. Amar não é falar, é construir. Sem obras, o amor não sai da morte.» (p. 222)

O título escolhido é, já por si, uma profecia dirigida ao leitor. Não só porque define sem reticências e interrogações o amor como construção, mas também porque recupera o título do livro de Soren Kierkegaard, *As Obras do Amor: Algumas Considerações Cristãs em Forma de Discursos*, dado à estampa em 1847. E este não é um pormenor. Também nesta obra, texto incontornável do existencialismo cristão, o filósofo dinamarquês responde afirmativamente. Tendo como base a visão cristã do amor inspirada no *Hino ao Amor* (αγάπη no original) de São Paulo (1 Cor 13, 1-13), Kierkegaard apresenta-nos o amor cristão como um mistério que só pode se conhecido pelas suas obras e como o fundamento duma ética da alteridade. O amor, mais do que um sentimento, é um dever, uma tarefa que liberta o Homem e dá sentido a uma existência repleta de contradições e paradoxos.

Passado mais de século e meio, não surpreende a quem segue o percurso literário de José Luís Nunes Martins, a escolha para o presente livro de crônicas do mesmo título duma obra dum dos nomes mais representativos do existencialismo, talvez, quem sabe, como forma de homenagear uma das suas inegáveis referências. Na verdade, desde sempre, os seus textos têm como pano de fundo a condição humana. Mais do que a condição humana, em cada obra sua, e nesta duma forma particular, o que está em causa é a vida humana, a pessoa e a sua busca incessante de dar sentido — em cada escolha que faz, em cada experiência que vive, em cada sonho que ousa; ao seu agir e estar no mundo,

à sua vida: «É o que faço que me define, não o que digo. São as obras de que sou autor que me constroem ao mesmo tempo que acrescentam ou retiram valor ao mundo.» (p. 51)

E é sobre a vida que o autor nos fala, a vida que cabe a cada um construir, em cada passo que dá, em cada escolha que arrisca: «Cada um de nós é senhor do seu destino, por isso é responsável por aquilo que faz com o que lhe foi dado.» (p. 38)

Mas, se o existencialismo é traço identitário de José Luís Nunes Martins, o mesmo não o limita, antes, projeta-o nestas crónicas para uma visão da vida e do homem mais ampla e transcendente e, por isso mesmo, mais desafiante. Sim! É de vida que tratam estas crónicas, mas não duma vida feita de contradições e paradoxos a superar, mas duma vida que é dom a acolher e realizar: «Os que tomam a vida nas suas mãos, aqueles que lutam para se manterem retos apesar de tudo, são senhores do tempo. (...) Desde a eternidade antes do tempo que a vida é um dom que se deve merecer. E assim será.» (p. 146)

Recorrendo a um estilo que, por momentos, nos lembra a literatura sapiencial veterotestamentária, onde que a experiência de vida e de fé dos autores sagrados deram origem a um conjunto de máximas e breves provérbios que orientaram a vida do Povo de Israel, o autor levamos a descobrir que vida é um caminho que se percorre passo a passo. É a *arte dos pequenos passos*. Viver é enfrentar cada dia como uma oportunidade de sermos felizes e de darmos mais um passo em frente no mistério da condição humana, no conhecimento de nós próprios, dos outros e do mundo. A vida é dom e missão, que se oferece e realiza em cada escolha diária que fazemos: «Cada um de nós tem uma missão. Quem não sabe qual é, procure dar uso aos seus dons. Ao que tem de diferente e melhor face aos outros. Não, não é o que lhe é mais fácil ou o que lhe dá mais prazer, é sim o que pode e deve fazer de bom. A tua missão é fazeres de ti alguém em quem a vida tem sentido.» (p. 24) Numa palavra, a vida é uma oportunidade única e irrepetível de sentido e de felicidade.

Cada crónica é-nos proposta como um espelho da nossa existência, o reflexo duma experiência de vida, que não nos deixa indiferentes e nos obriga a perscrutar-nos olhos nos olhos. Seja um sentimento, um impulso, uma experiência, um olhar, uma interrogação, uma certeza ou uma dúvida, uma história, uma provocação, um silêncio ou emoção,

cada página é um retalho de vida. Duma vida oferecida, em que cada pedaço conta, como se a vida fosse um conjunto de pedaços que o homem vai tecendo e entrelaçando. E, aos poucos, pedaço a pedaço, página a página, a condição humana emerge, define-se e ganha forma como um mistério que se desvela em cada escolha que fazemos, em cada caminho que trilhamos.

A vida que nos é dada é também uma tarefa, uma missão a realizar. E qual é a tarefa que o homem, tecelão da existência, tem de empreender para tecer com sentido e felicidade a sua vida? A resposta é perentória: «Em que podemos e devemos acreditar? O que dá sentido à vida, por mais dura que possa ser? O que nos pode salvar? O amor. Só o amor é digno de fé. Faz-te forte, amando.» (p. 104)

É o amor, ou melhor, o amar que dá sentido à vida e sustenta o ser: «Amar só tem um porquê: amo porque quero ser eu.» (p. 212) É o amor, como obra a realizar que desvela o mistério e a missão do homem: «Que eu saiba escutar o Amor e aprenda, no silêncio da sua presença, a compreender o mistério da minha existência.» (p. 156) Mas o amor não é só garante da existência. Ele é também certeza de felicidade: «Será possível amar e ser feliz? Amar exige sofrimentos que nos deixam no polo oposto onde imaginamos a felicidade. Mas não será que é a própria dor que nos revela a verdade a respeito de nós mesmos? Pode alguém ser feliz sem amor? Sem amar e ser amado?» (p. 126)

Entendemos agora o título escolhido. Amar é a nossa tarefa, a nossa felicidade e a razão de ser da nossa vida: «A vida que nos é dada a viver é um dom. O amor, que é o caminho por onde a felicidade se dá, é o dom de ser dom na vida dos outros. E ser dom é ser... bom.» (p. 207)

Viver é amar, porque sem amor não sou, não somos, e não podemos ser: «Amar é destruir a solidão do outro... e a nossa!» (p. 182)

Em cada crónica, somos convidados a responder à vida que nos é dada com obras de amor, mas de amor oblativo e de entrega incondicional: «Amar é esquecer-se de si. Encontrar no amor que se entrega o sentido da própria vida.» (p. 125) E este amor que se entrega é o amor cristão, referência também ela identitária do autor. É o mesmo amor (“*ἀγάπη*”), que São Paulo imortalizou no seu Hino e na sua vida. É o amor que define a essência de Deus – Deus é amor (1 Jo 4, 7). É o amor cuja obra maior é a cruz, onde Jesus Cristo dá tudo a todos entregando a sua vida por amor.

Amar é participar e realizar este amor, pois é o amor de Deus em nós que faz com que a nossa vida seja uma obra de amor. Assim se entende que este amor agápico que suporta e dá sentido à existência seja também a meta da mesma: «O amor recompensa com a santidade todos os que não querem ser estrelas no céu, mas sim luzes nas escuridades da terra. Todos podemos ser felizes e santos! Assim sejamos heróis face a Deus e a nós mesmos, sendo capazes de escolher o amor como destino de cada um dos nossos passos, apesar de tudo.» (p. 201)

Em jeito de conclusão, podemos dizer que este é um livro que faz bem ler porque nos leva a pensar que é possível acreditar. Acreditar na Vida, acreditar no Homem, acreditar no Amor e acreditar em Deus. E precisamos tanto de acreditar que «O Amor pode tudo. Amar é ser senhor do impossível.» (p. 126) Então, se o Amor tudo pode, porque não ousar acreditar na vida como uma dádiva de amor maravilhosa, que se agradece amando, com a certeza de que a última e decisiva tarefa que nos espera é uma obra de amor... eterno.

PADRE PAULO MALÍCIA

INTRODUÇÃO

A cada semana, desde o início de 2011, tento dizer algo novo sobre temas intemporais, procurando oferecer algo inédito e interessante a quem lê, e fazendo com que o coração e a razão do leitor tenham espaço para dialogarem e promoverem, dessa forma, uma vida mais genuína, autêntica, verdadeira e feliz.

A publicação dos textos online ocorre ao sábado pela manhã, uma altura que me pareceu ser a melhor para que os leitores lessem o que escrevo.

Um dos melhores momentos de cada uma das minhas semanas, nestes últimos anos, é aquele que se sucede ao envio dos materiais para publicação, sempre às sextas-feiras.

O processo de criação destes textos já me é tão íntimo que temo pelo tempo em que, por alguma razão, já não possa prosseguir-lo. Tudo começa com a tentativa de identificar um tema, depois procuro uma tese — um pensamento mais ou menos original, que devo apresentar e fundamentar —, recolho algumas ideias e textos sobre o tema... até que chega a hora de escrever. Muitas das vezes é já na sexta-feira de manhã e tem mesmo de ser!

Os textos presentes nesta obra são uma compilação do que fui publicando, nos últimos dois anos, na Rádio Renascença, na Agência Ecclesia e no jornal *Voz da Verdade*. Espero que sejam melhores do que todos aqueles que escrevi antes!

Algo de interessante e estranho é que existem textos que julgo não estarem tão bons quanto outros, mas que acabam por receber mais reações positivas do que os demais, alguns dos quais são aqueles que me parecem ter ficado tão bons que gostava de escrever sempre dessa forma. No entanto, não recebem grandes comentários nem reações. Confesso que não consigo perceber por que razão assim é... sei apenas que os textos, assim que são publicados, deixam de ser meus e a minha avaliação sobre ele passa a ser, nesse instante, apenas mais uma!

Escolhi a Filosofia como formação porque isso parecia implicar ter de escrever, e tal me parecia suave e pacífico. No entanto, não tardou até

que percebesse que só falando do que há de mais profundo em cada um se pode chegar ao que é comum a todas as pessoas. Assim, o caminho era cavar, qual mineiro, até ao mais íntimo, em busca da semente da minha vida.

Procuro ser simples, sem academicismos, nem recursos retóricos ou barroquismos de linguagem. O mais simples possível. Argumentando sem recorrer a nenhum tipo de autoridade, nem sábios nem escritos ilustres, apenas a razão. A verdade vale por si mesma, não se torna mais pura ou impura porque um sábio ou um tolo a expressam. Nem mesmo Jesus Cristo faz verdade de algo que diz, por apenas o dizer.

É difícil lançar, debater e aprofundar ideias. É sempre mais fácil exhibir e trocar saberes adquiridos ou situar o diálogo apenas ao nível dos sentimentos e das paixões.

O título deste livro — *As Obras do Amor* — é igual ao de uma das obras do meu filósofo de eleição: Kierkegaard. Pretendo com esta escolha prestar-lhe um tributo, ao mesmo tempo que será o título mais adequado, uma vez que o amor e as suas obras são o que todas as reflexões aqui apresentadas têm em comum.

O que escrevo conta com muita bondade de quem me lê, por tudo quanto de si mesmo coloca na leitura. Ao escolher ler-me permite que continue a escrever, que é algo que mais me dá consolo e satisfação. Obrigado.

Um desabafo: por vezes, sinto que escrevo tempestades nos silêncios da minha vida. Não sei se elas existem mesmo e se escondem nos meus silêncios, ou se as crio apenas para que depois tenha de fazer o caminho para voltar à paz do silêncio, onde sou sempre mais eu.



Não és o centro do mundo!

Não julgues que és o centro do mundo. Não és. Procura o bem que podes fazer aos outros, não busques por aquilo que podem fazer por ti. Cada pessoa é um fim em si mesmo, ninguém é um meio, muito menos da tua felicidade.

Quando não somos humildes perdemos a noção da realidade e, portanto, da verdade.

O orgulho é um inimigo firme e provoca uma desgraça constante e crescente que exige ser alimentada, que escraviza a liberdade e amarra a vontade de todos quantos se julgam acima dos demais. Somos diferentes, mas perder tempo a avaliar quem é melhor ou pior é, em boa verdade, sinal de grande insegurança e triste fraqueza.

O egoísmo é o contrário do amor. Amar é dar-se e os egoístas querem tudo, tudo, para si. Não importa o sofrimento que isso possa implicar para outros, julgam que merecem tudo, tudo.

Dirão alguns que o egoísmo é uma forma de amor a si mesmo, chegam até a argumentar que tal é um pré-requisito essencial a qualquer outra forma de amor. Errado! Amar é esquecer-se de si.

O medo é o oposto da felicidade. Ninguém consegue viver com alegria escondido atrás dos seus próprios braços e longe das adversidades. Ser feliz implica vencer os medos e vencer-se, abrir os braços e aceitar o nosso lugar no mundo. No nosso tempo e no nosso espaço. O que somos e o que nos rodeia.

Não tenhas medo de ser feliz, ama. Por mais que isso te faça sofrer, aceita com humildade o preço a pagar para chegar ao céu já nesta vida e... na outra, aquela onde somos pesados de acordo com o peso dos pedaços de coração que fomos capazes de dar!



Muita comunicação, pouca verdade

A ilusão de estarmos à distância de dois toques com a ponta do dedo pode criar a ideia de estarmos próximos... Não, não estamos.

Já quase ninguém se obriga a preparar com cuidado o que vai dizer. Um encontro, um diálogo ao telefone ou uma mensagem escrita merecem cada vez menos atenção ao detalhe. O discernimento e o acerto dependem muito mais da qualidade do que da quantidade das palavras.

Sentimos a obrigação de comunicar tanto que acabamos por não nos preocupar em dizer tudo, de forma completa, cuidada e ponderada, tal como devia ser. Julgamos, mal, que teremos sempre mais e mais oportunidades.

Se hoje me esqueci de dizer algo, julgo que não terei dificuldade em dizê-lo depois. E esquecemo-nos sempre de coisas... a maior parte das vezes, das mais importantes.

Falamos tanto, e de forma tão despreocupada, que nos desvalorizamos a nós mesmos por não sermos capazes da verdade de que os outros precisam — e que nós merecemos.

Comunica-se muito, mas cada vez há mais confusões, equívocos e discórdias. As palavras servem para nos desentendermos.

Pessoas diferentes falam idiomas diferentes. As mesmas palavras têm significados, pesos e valores diferentes, por vezes até para uma mesma pessoa em tempos e espaços distintos... até há quem mude de referências de um momento para o outro.

Com uma comunicação tão volumosa, flexível e constante, cada palavra perde sentido face ao todo.

O silêncio é hoje, mais do que nunca, um valor absoluto, pela paz de que é capaz. O silêncio pode ser uma arma que isola e sufoca, mas também é só no silêncio que se diz a verdade e que se pode ser feliz.

... e é ao silêncio que cabe sempre a última palavra...



O amor faz ver o que a paixão cegou

Cada um de nós é um ser dotado de uma sensibilidade mais ou menos apurada. Tudo o que existe, visível e invisível, interior ou exterior, pode afetar-nos.

Se algo nos afeta no mais elevado grau, então pode falar-se de paixão. Assim, paixão é o que acontece quando algo atinge de forma bruta a sensibilidade de alguém.

Uma paixão torna-se senhora da vontade e, com violência irresponsável, chama a si as rédeas da liberdade, levando a pessoa para fora do que é a sua identidade e o seu dever.

O conceito de paixão significa sofrimento. Algo que se é obrigado a suportar. Um desejo desordenado e forte que nos torna seus escravos. Mais, que nos cega face ao que somos, ao que temos, aos outros e a toda a existência.

Também se dá o nome de paixão a um entusiasmo feroso, uma exaltação a propósito de uma atração que algo ou alguém nos desperta. No entanto,

não é bom que tudo se faça sem vontade esclarecida, sem noção clara das conseqüências, ou pelo menos, acolhendo de forma madura todos os desfechos deste caminho muito inclinado. É sempre mau aquilo que não é escolhido pelo nosso coração em paz e contra toda a nossa razão.

O que começa como um simples e doce encanto acaba, muitas vezes, por se tornar algo capaz de nos arrasar e, numa cólera íntima, ferir-nos bem fundo. Uma dor que se faz doença. Uma tragédia. Um mal que quase sempre se disfarça de amor.

Ilusões que vivem de sedutoras esperanças, seduções que alimentam uma fome de satisfação, uma falsa promessa de prazeres que seriam puros se não resultassem do engano. Satisfazem-se com as novidades, ao mesmo tempo que diminuem com a posse do que se vai conquistando.

Uma parte das paixões tomam-nos sem que nada mais possamos fazer senão sofrê-las, no entanto, há também uma grande quantidade de paixões que podemos dominar, de forma mais ou menos demorada, com mais ou menos coragem e sabedoria.

O que se deve fazer para enfrentar uma paixão? Descobrir-lhe a verdadeira raiz ou atribuir-lhe um sentido.

Um coração inquieto é sinal de que o amor é pouco.

O amor é o bem supremo. Vive longe do tempo e acima das esferas da mudança. A verdade do amor permite revelar todos os enganos que se fazem passar por ele, sempre de forma passageira.

Quem ama, é senhor de si e nada o afeta de forma duradoura. Porque só o amor é eterno.

Quem sofre por amor autêntico, ou faz dele o sentido da sua dor, ama.

O mal jamais está no amor, mas sim na sua ausência.

O amor está sempre com os olhos abertos e abre os olhos que a paixão cegou.

Nada o diminui ou enfraquece. É eterno e a eternidade não o cansa.



Nas vitórias, lembrar as derrotas

Quantos fracassos custa um sucesso?

A vitória, quando se alcança com mérito e de forma justa, é sempre louvável e admirável. Mas vencer e continuar humilde é uma recompensa ainda maior.

Em tempo de êxito, importa concentrarmo-nos nos derrotados:

- Os que, pelo nosso triunfo, foram ultrapassados. Esses merecem o nosso respeito, mais do que nunca. Até porque alguns nos respeitarão mais do que alguma vez os respeitáramos, se tivessem sido eles a alcançar o lugar de topo;
- Nós mesmos, quando falhamos. Importa refletir de forma profunda sobre o que sentimos, como pensamos nessas ocasiões e reformular essas supostas verdades, pois, tantas vezes, são mentiras que contamos a nós mesmos e nas quais também acreditamos;
- Aqueles que falham repetidas vezes sem perder o entusiasmo. Não deixam de acreditar em si, e só fracassam porque estabelecem

metas bem altas, que não desistem de alcançar. E que, de forma verdadeira, honesta e empenhada, recusam baixar as fasquias que se propõem ultrapassar. Esses, apesar das aparências, serão sempre vencedores, talvez ainda mais do que quaisquer outros.

- Há ainda os que se perdem. São derrotados desde o instante em que desistem de lutar, renunciando a si mesmos e aos combates que lhes são possíveis... Perdem, porque se perdem.

Por outro lado, sempre que forem outros a vencer nas lutas em que também entramos, devemos respeitá-los por terem tido mais talentos e forças, por terem talvez acreditado mais.

Por fim, importa não esquecer jamais que a pior derrota é aquela que se considera definitiva, tal como uma vitória pode ser a pior das derrotas se não se for capaz de a pensar e sentir apenas como um momento passageiro da história.

Os humildes nas vitórias são grandes até nas derrotas.



O que cabe numa lágrima?

Ser simples é uma luta permanente contra todas as tentações para nos desviarmos do caminho certo. Requer uma atenção constante face à nossa tendência para complicarmos sempre tudo. Há cada vez mais estímulos e opções, é essencial cultivarmos o discernimento de traçar e seguir o nosso próprio caminho.

Muita da sede que sentimos é resultado de desejos que aceitamos tomar como nossos. Buscamos com todas as forças tanta coisa desnecessária que acabamos por desprezar o importante. Queremos tudo e acabamos, quase sempre, sem nada.

Somos egoístas e tão pouco inteligentes que acreditamos mesmo que nos bastamos a nós próprios e que temos em nós tudo o que precisamos. Não. Somos metade de tantas coisas e gotas de água de outras mais.

A água é vida e tem sempre forma de encontrar o seu caminho. Insiste, acumula-se e, com paciência, acaba por descobrir por onde ir. Quando estagna, corrompe-se. A água é simples, pura e... viva!

Não devemos deter-nos em nada de passageiro, na certeza de que a eternidade é vida. Beleza sublime a acontecer, a criar-se e a multiplicar-se. Viver é criar. Fazer nascer. Ser fonte de bem. O mundo quer ser cada vez mais belo, porque a sua beleza ainda não está completa. Por isso conta com a nossa capacidade de criar para ser perfeito.

Hoje falta tempo para parar e pensar. Para esperar e meditar bem antes de decidir. As ações ficam sempre com os seus autores. O resultado das nossas decisões somos nós. Muito daquilo que sou depende do que decido, com mais ou menos consciência. Sou responsável pela minha vida, por dar respostas e encontrar caminhos.

Sou chamado a concluir a criação do que sou, a ser protagonista da minha existência, a ser espectador de tudo e sou, acima de tudo, a obra-prima!

Cada um de nós tem uma missão. Quem não sabe qual é, procure dar uso aos seus dons. Ao que tem de diferente e melhor face aos outros. Não, não é o que lhe é mais fácil ou o que lhe dá mais prazer, é sim o que pode e deve fazer de bom.

A tua missão é fazeres de ti alguém em quem a vida tem sentido.

A água que brota das nascentes não volta para lá sem ter cumprido a sua missão.

Neste mundo só temos esta vida. Saibamos fazer-nos fonte de água viva. Matando a sede aos que andam sedentos de respeito, verdade e amor, e limpando cada uma das feridas dos que foram desprezados, maltratados e humilhados.

A água busca a água. O amor busca o amor.

Numa lágrima cabe a tristeza toda... mas também numa lágrima cabe a alegria de uma vida inteira!

Em cada lágrima há uma oração e um sorriso. Uma traição vencida por uma esperança de amor que, com certeza, se cumprirá.

REFLEXÕES PARA UMA VIDA MAIS VERDADEIRA E FELIZ

Um olhar mais demorado e atento permite verificar que este livro é muito mais do que uma mera e aleatória compilação de crônicas. Com o amor e as suas múltiplas obras como ponto de partida, este tocante conjunto de reflexões afirma-se como fundamental no necessário diálogo que o leitor deverá manter entre a razão e o coração, o que lhe permite encontrar o genuíno caminho para a felicidade.

José Luís Nunes Martins partilha estes seus pensamentos de forma simples, numa linguagem acessível a todos e sem recorrer a qualquer tipo de autoridade. No fundo, argumenta com o essencial: apenas e só a razão. Porque, como escreve: «A verdade vale por si mesma, não se torna mais pura ou impura porque um sábio ou um tolo a expressam.»

«É um livro que faz bem ler porque nos leva a pensar que é possível acreditar. Acreditar na Vida, acreditar no Homem, acreditar no Amor e acreditar em Deus.»

PADRE PAULO MALÍCIA

 <p>FAROL a luz da sua vida 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8958-67-9</p>  <p>9 789898 958679</p> <p>Religião</p>
---	--